



## AS CAVERNAS E SEUS DIFERENTES MODOS DE OCUPAÇÃO NO TEMPO E NO ESPAÇO [THE CAVES AND ITS DIFFERENT MANNERS OF OCCUPATION IN THE TIME AND IN THE SPACE]

**Christiana Cabicieri PROFICE**

Rua Julio de Brito, 243, Pontal, Ilhéus BA, e-mail: [fifa@maxnet.com.br](mailto:fifa@maxnet.com.br)

### RESUMO

Pretende-se refletir acerca dos possíveis modos de ocupação espaçotemporal de uma região de caatinga na Bahia. A zona em questão é a Área de Preservação Ambiental Gruta dos Brejões Vereda Romão Gramacho. Nosso trabalho se baseia na documentação videográfica realizada por uma equipe multidisciplinar, composta por professores e alunos da comunicação, da biologia e da arqueologia em um projeto de parceria com a Administração da APA. Pudemos, auxiliados pela arqueologia, pela história oral e pela psicossociologia, tecer alguns comentários acerca da ocupação deste território, aonde se encontram distribuídos vários registros de ocupação pré-histórica através de painéis de pinturas rupestres. Propomos uma reflexão acerca da ocupação humana antiga e atual, sugerindo que a interação dos habitantes em seu ecossistema seja condição indispensável para preservação ambiental.

Palavras-chave: pinturas rupestres, ocupação humana, documentação videográfica.

### ABSTRACT

We wanted to contemplate near the possible manners of spacetemporary occupation of a caatinga area in Bahia. The zone in subject is the Area of Environmental Preservation Gruta dos Brejões Vereda Romão Gramacho. Our work bases on a video ocumentation accomplished by a team multidisciplinary, composed by teachers and students of the communication, of the biology and of the archaeology in a partnership project with the Administration of the APA. We coulded, aided by the archaeology, the oral history and for the social psychology, weave some comments concerning the occupation of this territory, where are distributed several registrations of prehistoric occupation through panels of paintings. We propose a reflection concerning the old and current human occupation, suggesting that the habitants' interaction in its ecosystem is indispensable condition for environmental preservation.

Key-words: prehistoric paintings, human occupation, video documentation.

Pretendemos abordar a multiplicidade de modos de ocupação do ambiente de caverna, trazendo uma reflexão acerca das variações espaço-temporais possíveis. Nosso trabalho se baseia na documentação videográfica realizada por uma equipe multidisciplinar na região de Gruta dos Brejões, no Município de Morro do Chapéu na caatinga baiana. A zona em questão é uma Área de Preservação Ambiental denominada Gruta dos Brejões Vereda Romão Gramacho, distribuída em uma área de 11.900 ha, inserida nos municípios de Morro de Chapéu, João Dourado e São Gabriel. A APA tem como principal característica uma significativa profusão de ocorrências geológicas



# ANAIS

## XXVII Congresso Brasileiro de Espeleologia

Januária MG, 04-14 de julho de 2003

Sociedade Brasileira de Espeleologia



excepcionais ao longo do Rio Jacaré, como grandes cânions, paredões além da magnífica caverna de Gruta de Brejões com uma abertura de 106 metros de altura e uma profundidade de 7750 metros.

No interior da gruta que dá nome a APA, encontra-se o mais alto conjunto de represas de travertino, nos vários condutos e salões, espeleotemas como colunas, estalactites, estalagmites e cortinas, podem ser observados. Historicamente a região é conhecida como fazendo parte da Chapada Velha, de acordo com Cardoso,

*“A Chapada Velha é citada em todos os livros da história da Chapada Diamantina como sendo o local onde o Coronel Horácio de Matos mantinha o seu Quartel general. Lá, nenhum inimigo conseguiu entrar. E foi lá, segundo Dr. Theodoro Sampaio, no livro “O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina”, que foram encontrados os primeiros diamantes da Bahia e, em 1844, já existia ali o Centro das Lavras e do Comércio de Diamantes. Em 1926, próximo a Vilas Minas do Espírito Santo, a Coluna Prestes travou os primeiros combates com o pessoal do Coronel Horácio de Matos.” (Cardoso, 2002:4).*

A equipe de pesquisa e registro foi composta por esta professora, mestre em Psicologia Intercultural e orientadora do projeto de videodocumentação na área de Comunicação Social, por um arqueólogo da UESC Prof. Ms. Elvis Barbosa, por dois biólogos da mesma instituição, Prof. Ms. Binael Soares Santos e Prof. Ms Antônio Jorge Suzart Argolo, especialistas em morcegos e ofídios respectivamente, pelo administrador da APA Aloísio Cardoso, por 02 estagiários da Biologia, e pelos dois bolsistas da Comunicação Social Felipe De Paula e Karoline Vital. Buscamos captar imagens e depoimentos que pudessem abranger a riqueza do ecossistema em questão, valorizando tanto o discurso científico dos pesquisadores da equipe, como também o relato dos habitantes de um dos vilarejos que se situam na APA. Vale ressaltar que estes moradores são remanescentes de quilombos, constituindo uma organização comunitária simples, porém bastante peculiar. A ocupação pelos exescravos se deu no final do século XIX, com populações oriundas do Recôncavo de Santo Amaro da Purificação. Devemos destacar que os entrevistados locais raramente mencionavam a origem escrava e isto pode ser visto como conseqüência tanto da falta de escolarização e de conhecimentos históricos como também por algum mecanismo inconsciente coletivo que os conduziu a uma negação de suas ascendências. Acreditamos, com base na etnopsiquiatria e na psicossociologia, que esta herança negra possa ter sido colocada em segundo plano, gerando indiretamente um certo sofrimento coletivo, visto que, mesmo as sociedades que não participam do modelo do ensino formal, manifestam e transmitem a bagagem social de referência a seus descendentes através de estratégias culturais próprias. Acreditamos na existência de um sujeito da herança que, segundo Kaës é, inconscientemente conduzido por uma “dupla necessidade de ser a si mesmo seu próprio fim e de ser parte de uma cadeia da qual ele participa involuntariamente” (Kaës, 1993:3). Neste sentido, a questão da transmissão coloca conseqüentemente aquela do destino do indivíduo singular na organização das gerações, enquanto membro ou parte desta cadeia. Isto dito, não pudemos observar qualquer tipo de expressão cultural que indicasse a origem africana dos habitantes de Brejões, como, por exemplo, a produção de objetos religiosos, artesanais, produtos culinários, ou ainda músicas, lendas ou “causos” vinculados a esta referência étnica. De fato, nos chamou a atenção a escassez de artefatos culturais produzidos a partir dos materiais oferecidos pela natureza que, apesar de constituir-se no semi-árido, está longe de ser considerada como pobre ou escassa. Da mesma forma que não observamos produção de artefatos também se destacou a falta de perspectiva de mudança, presente na maior parte dos depoimentos recolhidos. A única via de



**ANAIS**  
**XXVII Congresso Brasileiro de Espeleologia**  
Januária MG, 04-14 de julho de 2003

Sociedade Brasileira de Espeleologia



transformação vislumbrada para a vida daquelas pessoas é o seu concreto deslocamento para um outro lugar mais “evoluído”. Mesmo cientes de que a nossa pesquisa e convivência com aquela população se deu de forma limitada e pontual, podemos afirmar que no discurso dos moradores de Brejões as referências ao passado são raras e quase nunca espontâneas. A ausência de perspectivas em relação ao futuro surge como uma marca daquela comunidade. A partir destas observações, gostaríamos de refletir acerca das diferentes formas de ocupar os espaço das grutas e cavernas, levando em conta as dimensões temporal e espacial.

Os rastros dos habitantes pré-históricos daquele mesmo ecossistema foram deixados sob a forma de pinturas rupestres, apresentando elementos tanto da tradição Nordeste (pintura figurativa, antropomorfos e zoomorfos) como da tradição Agreste (figuras geométricas sem alguma significação evidente, traços, grades), nos sugerindo um longo período de ocupação pré-histórica da região. Até o momento já foram identificados vinte e um painéis de pinturas rupestres. A pesquisadora Martin, chama a atenção para o modo de abordagem dos estudos acerca da ocupação pré-histórica, quando considera que

*“Se bem que para a prospecção arqueológica recomende-se partir de pressupostos teóricos, previamente formulados e que norteiem a pesquisa, é prematuro ainda, no Brasil, que se formulem teorias e até mesmo hipóteses de tipo geral em relação à ocupação dos páleo-espacos, dos espacos holocénicos ou sobre a evolução das culturas de caçadores para cultivadores, para citar um exemplo. Mas isso não impede que toda pesquisa deva ser iniciada a partir de formulações que considerem modelos ecológicos com as suas pautas de assentamento humano”*  
(Martin, 1999:93)

Em seu estudo a autora nos alerta para a importância do estudo aprofundado do homem pré-histórico nordestino, visto que o mesmo se destaca enquanto inventor de artefatos e redes significativas, expressas na pintura rupestre. Ressaltando a hostilidade do ambiente semi-árido, Martin nos convoca a “observar a grande capacidade de adaptação do homem a uma natureza particularmente adversa e constatar que, nesse meio hostil, ele foi capaz de criar e desenvolver uma arte expressiva e bela, como são as pinturas rupestres, situadas nos domínios do semi-árido” (Martin, 1999:155).

Quando interrogamos os mais velhos acerca de quem teria produzido aqueles desenhos, um curandeiro negro nos respondeu que havia sido “aquele povo que não come sal, os caboclos”, em alusão provavelmente aos grupos de ascendência indígena que se distanciaram da área ocupada pelo povoado. Segundo este mesmo informante, eles teriam se adentrado no mato, sendo avessos a qualquer contato. Contudo, este curandeiro, Seu Manoelzinho, foi capaz de inventariar um vasto conhecimento acerca da utilização da flora e da fauna local como substâncias medicinais, o que nos indica a existência de conteúdos e saberes transmitidos oralmente entre as gerações, apesar do entrevistado atribuir seus conhecimentos a Deus. Neste sentido, podemos falar de conteúdos que são transmitidos transgeracionalmente, ainda que excluídos de uma sistematização social institucional.

Uma outra imagem que consideramos relevante é a atual ocupação das grutas e cavernas por altares visitados durante as romarias anuais. Os rastros deixados pelosromeiros não são tão belos como aqueles deixados pelos habitantes pré-históricos, variando desde imagens religiosas, velas, ex-votos até grafitismos do tipo pixação nas paredes das grutas. Restos de embalagens plásticas e metais poluem as cavernas. Outros frequentadores deste ecossistema são o gado e os rebanhos



# ANAIS

## XXVII Congresso Brasileiro de Espeleologia

Januária MG, 04-14 de julho de 2003

Sociedade Brasileira de Espeleologia



caprinos que, ao utilizarem a pouca água dos mananciais e das ressurgências, acabam por deixá-la imprópria ao consumo humano. A partir deste quadro podemos testemunhar um forte desequilíbrio entre a utilização das cavernas e a sua própria sobrevivência enquanto ecossistema peculiar, bem como dos moradores que dela fazem uso. Gruta dos Brejões é um lugar e um tempo, se não a compreendermos desta forma, tendemos a medidas parciais e limitadas no sentido de sua conservação, não devemos correr o risco de preservar o ambiente, excluindo dele seus habitantes humanos. O que a riqueza das pinturas rupestres nos sugere é que uma ocupação mais harmônica já foi possível, os homens, e mulheres, e as crianças que produziram estas imagens que atravessaram os séculos, acreditavam no futuro e o projetaram artisticamente. O lúdico e o prazer se destaca das pinturas como que constituindo uma outra dimensão que os habitantes atuais de Brejões não conseguem infelizmente atingir. A infância atual neste povoado constitui-se de um cotidiano do tempo que não passa, que não traz mudança. Nem por isso, gostaria de registrar, as crianças observadas trazem tristeza ou desesperança em seus olhares. Elas brincam, elas riem e todo aquele povo traz em seu semblante uma altivez contrastante com a precariedade de suas condições de vida, certamente uma forma de viver que pode ser uma herança inconsciente de seus antecessores na Gruta de Brejões.

### BIBLIOGRAFIA

Cardoso, A. **Proposta para projeto junto à UNESCO para tombamento da APA Gruta dos Brejões Vereda Romão Gramacho como Patrimônio Mundial Geo Park.** CRA: 2002.

Kaës, R. **Transmission de la vie psychique entre générations.** Paris: Dunod, 1993.

Martin, G. **Pré-História do nordeste do Brasil.** Recife: Editora Universitária UFPE, 1999.